

# uma polêmica da colônia: Católicos versus calvinistas

**Maria Elaine Andreoti\***

Talvez a querela literária mais antiga destas terras diga respeito a uma que implica não os antropófagos “sem fé, nem lei, nem rei”, mas sim a que Jean de Léry inicia quando publica em 1578, na França, sua *Viagem à terra do Brasil*. Sapateiro de formação e pastor reformado na fé calvinista até o fim da vida, Léry inicia a obra com artilharia pesada, deixando claro a que veio: o principal motivo de tornar pública sua experiência de dez meses no novo continente – dentre os quais, quase três em contato diário e direto com os tupinambás da Guanabara – foi justamente denunciar as “digressões falsas e injuriosas” do padre capuchinho André Thevet, divulgadas em *As singularidades da França Antártica*, de 1558, e na *Cosmografia Universal*, de 1575. O autor rebatia, entre outras, a acusação de que seriam os calvinistas os responsáveis pelo fracasso da França Antártica, que caíra em mãos portuguesas em 1560, ao passo que denuncia os horrores das guerras de religião ocorridas na França

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV-USP). Contato: lanandreoti@yahoo.com.br

que sucederam na França quando de seu retorno, comparando a selvageria dos “nobres civilizados” europeus com a hospitalidade e harmonia dos indígenas. Léry aproveita, ainda, para ridicularizar Thevet por diversos “disparates” que este teria relatado – como ter afirmado a existência de uma tal Ville-Henri, ou Henriville (nos dois modos empregados por este), uma cidade na baía de Guanabara com o mesmo nome do rei francês – e, por fim, acusa-o de desconhecer verdadeiramente a terra e as gentes de que tratava, já que, supostamente, teria ficado doente e acamado por quase todo o (pouco) tempo que passou na Colônia.

A partir de então se estabelece uma guerra ideológica entre o huguenote e o capuchinho<sup>1</sup> – na esteira de outra, como sabemos, muito maior e menos abstrata que já se instalara na França – que perdurará até a morte dos dois autores e estenderá suas discordâncias para os dias atuais. Ainda hoje, falar da obra de um inevitavelmente supõe tocar na de seu oponente – de acordo com Frank Lestringant, o crítico que mais tem se dedicado a ambas: “Tornou-se um exercício retórico obrigatório opor uma obra a outra”<sup>2</sup>.

Ainda que na época fosse Thevet quem apresentava maiores vantagens, pois a seu lado estava a Coroa francesa, então católica – e tendo ele posteriormente se tornado o cosmógrafo oficial do rei –, foi o pastor Léry quem ganhou notoriedade por seu livro, que fez muito sucesso e foi reeditado diversas vezes (dentre elas, seis enquanto ainda vivia, número considerável em se tratando de publicações do século XVI), além de ter sido traduzido para o latim e o alemão. Ao longo da história, foi também Thevet quem levou a pior na querela, sendo frequentemente inferiorizado e satirizado por muitos leitores e críticos por seu estilo, digamos, prolixo. Para dar alguns exemplos, Gilbert Chinard o compara a um personagem rabelaisiano – “um monge ridículo e ignorante do tipo que Rabelais gostava de zombar”; Geoffrey Atkinson o considera, entre os muitos viajantes

do século XVI, um “retardatário”<sup>3</sup>. Neste último caso, o qualificativo rende ao crítico da literatura geográfica a reprovação de Lestringant: “A literatura geográfica [segundo Atkinson], considerada em bloco e fora de qualquer correlação com a literatura não geográfica, divide-se (...) entre inovadores e atrasados. Compreender-se-á que nunca perdoei Atkinson por ter colocado entre esses últimos nosso cosmógrafo nacional André Thevet”<sup>4</sup>. O uso da expressão “não perdoar” nessa passagem mostra a força da polêmica, que, quatro séculos depois, ainda não cessou de gerar novas implicações.

Quando recorremos a alguns autores brasileiros que também procedem à comparação, não é surpresa que as referências a Thevet manifestem poucas consideração, ainda que geralmente se reconheça seu valor informativo. É Afonso Arinos Franco quem lhe remete a crítica mais mordaz; em referência a Léry e a Montaigne<sup>5</sup>, dirá: “Esta honra, pelo menos, fica ao bom Thevet: a de ter sido alvo da atenção, embora sarcástica, dos dois maiores escritores do seu tempo”<sup>6</sup>. Mesmo a orelha da edição brasileira, publicada pela Itatiaia/Edusp em 1978 e assinada por um tal J. E. F.<sup>7</sup>, vai reconhecer que Thevet era, “na verdade, um narrador, muito mais, como alguns severos críticos posteriores consideraram, que um sábio (...). Foi, sim, um humanista, e até exagera na demonstração de seu saber clássico (...). Invoca a três por dois a mitologia, Cícero, Vergílio, exibindo sua erudição clássica (...)”.

Apenas um crítico, entre os muitos pesquisados, destoou grandemente dessa enxurrada de acusações: trata-se de Francisco Rodrigues Leite, em seu ensaio “Jean de Léry, viajante de singularidades”. Com um nome já bastante sugestivo, sua tese é que Léry plagiou, quase *ipsis litteris*, as *Singularidades* de Thevet. Num trabalho de cotejo, levanta diversas semelhanças no modo descritivo de um e de outro autor; por exemplo, quando ambos escrevem que, tonsuradas as sobranceiras, os índios parecem zarolhos e com o olhar feroz; ou no

modo como descrevem o Haï (a preguiça), seu rosto assemelhado ao de um ser humano e a suposição corrente de que este prescindia de alimentos para viver. O crítico só não atentou para o fato de, “(...) em termos do que convençamos chamar ‘literatura de viagens’, o capital de informações estava sempre sujeito à pilhagem (...)”<sup>8</sup>, pensando numa categoria romântica e, portanto, anacrônica de autoria<sup>9</sup>. Desse modo, é plausível a hipótese de que Léry tenha se valido do discurso de Thevet e de outros para construir o seu; do mesmo modo, é evidente que o segundo procedeu tal qual o primeiro, afinal estamos tratando de um tempo e de uma sociedade que não primava pela originalidade e vanguarda, mas sim pelo respeito às *auctoritas* e às regras de composição.

Mas, voltando à polêmica: todas essas leituras contribuem para reconstituir, ao menos parcialmente, em que termos ela chegou até nós após quatro séculos. Ao que parece, atualmente está apaziguada, e cada um, padre e pastor, teve seu espaço definido na cena literária e, sobretudo, a partir dela. Certamente que *A viagem* de Léry ainda é a predileta do público por seu estilo direto e pelo foco narrativo muito semelhante ao da literatura memorial ou mesmo da autobiográfica burguesa (claro, também há uma dose de anacronismo aqui), além do evidente relativismo cultural que lhe dá um tom humanista pouco comum entre seus contemporâneos – vale assinalar que Léry é considerado um dos influenciadores de Michel de Montaigne. Por outro lado, as qualidades do texto de Thevet – não tão evidentes assim quando considerado o ambiente literário em que suas obras foram produzidas – podem agora ser reconhecidas. O principal responsável por esse acordo sem dúvida é Frank Lestringant; entretanto, optamos por traduzir o artigo de outro crítico, Michel Jeanret<sup>10</sup> – intitulado “Léry et Thevet: comment parler d’un nouveau monde?” (“Léry et Thevet: como falar de um novo mundo?”) –, por este trazer argumentos que põem a lume dois olhares sobre um mesmo objeto: no caso de

Léry, uma observação do particular que procura, ainda que atrelada à identidade de seu enunciador, uma apreensão da alteridade; em Thevet, a tentativa de estabelecer correspondências entre o mundo recém-descoberto e aquele já configurado na busca de um saber universal.

Por fim, retomar essa polêmica tão antiga e pouco conhecida nas letras pode ser, em certa medida, um ganho para aqueles que estão mais ciosos dos objetos que se enquadram no rol da “literatura brasileira”,<sup>11</sup> pois ela dá a dimensão da relevância desses dois autores que estão na base do modo de figuração do indígena brasileiro e que, mais adiante, tomará forma com Rousseau, por aqui com Alencar, e será erigido a símbolo da identidade nacional.

## Notas

1 Huguenote: termo empregado aos protestantes, sobretudo aos seguidores da doutrina de Calvino; capuchinho: pertencente à ordem dos padres franciscanos.

2 Frank Lestringant, *Jean de Léry ou l’invention du sauvage*, p. 81.

3 Cf. Gilbert Chinard, *L’exotisme américain dans la littérature française*, p. 125; e Geoffrey Atkinson, *Les nouveaux horizons de la Renaissance française*, p. 23.

4 *Idem*, “É necessário expiar o renascimento? A abertura antropológica do século XVI”.

5 A referência a Montaigne é devida ao fato de este autor, no capítulo “Dos canibais”, ter lançado uma farpa contra os cosmógrafos: “Assim era meu informante, o qual, ademais, me apresentou marinheiros e comerciantes que conhecera na viagem, o que me induz a acreditar em suas informações *sem me preocupar demasiado com a opinião dos cosmógrafos*. Fora preciso encontrar topógrafos que nos falassem em particular dos lugares por onde andaram”. Michel de Montaigne, *Ensaaios*, p. 105 (grifo nosso).

6 Afonso Arinos de M. Franco, *O índio brasileiro e Revolução Francesa*, p. 172.

7 Cf. André Thevet, Orelha da tradução brasileira, editada pela Itatiaia, de *As singularidades da França Antártica*. Não há outras indicações, além das iniciais, de quem a teria escrito.

## opiniões

8 Andrea Daher, *O Brasil francês: as singularidades da França Equinocial*, p. 259.

9 A esse respeito, é importante lembrar ainda que Thevet comprovadamente escreveu as *Singularidades* com a colaboração de outros, entre eles o médico e helenista Mathurin Héret; portanto, a ideia de autoria original, regada por direitos de autoria liberais, seria, de todo modo, incabível.

10 Ainda que o crítico se fie demais no discurso “empirista” de Léry, quando este evidentemente apresenta um domínio retórico do discurso a ponto de convencer seu leitor de que seu relato é um decalque da (suposta) realidade.

11 Lembrando que, dentro do sistema literário proposto por Antonio Candido a fim de conformar uma ideia de literatura nacional, os textos coloniais são desconsiderados.